

Teixeira, José, 2005, "De cá para lá e de aqui para aí: rede de valores semânticos dos marcadores espaciais *cá/lá/(acolá)* e *aqui/aí/ali*", I Vol., pp. 449-460 in Rio-Torto, Graça Maria; Figueiredo, Olívia Maria; Silva, Fátima (Coord.), *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela* (2 volumes), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. (ISBN 972-8932-06-5; ISSN 1646-0820).

**De cá para lá e de aqui para aí:
rede de valores semânticos dos marcadores espaciais *cá/lá/(acolá)* e *aqui/aí/ali***

José Teixeira

ILCH-Universidade do Minho

jsteixeira@ilch.um.pt

1. A opção pela Semântica Cognitiva

Numa visão clássica componencial, o valor semântico das unidades linguísticas era analisado num conjunto de traços mínimos que procuravam ser caracterizadores positivos do item e simultaneamente diferenciadores dele em relação aos outros com os quais ele era contrastado. É a famosa semântica das cadeiras de Pottier ou do solteirão generativista (*bachelor*).

Numa análise deste tipo, tende-se a entender que cada unidade assenta a essência do seu valor linguístico nos traços de positividade ou negatividade que a opõem às outras com as quais forma mini-sistemas. Isto equivale a dizer que habitualmente este tipo de análise tem tendência a supervalorizar os aspectos que podem ser traduzidos binariamente (existência positiva e negativa) e a fazer deles a "essência" significativa da unidade linguística.

Defende-se aqui, diferentemente, que a descrição semântica a nível lexical se deve basear numa perspectiva cognitiva recorrente da noção de que cada unidade se estrutura num modelo mental que o indivíduo partilha numa comunidade linguística. Tal modelo pode alicerçar-se em traços opositivos mais ou menos binários, mas também em múltiplos aspectos cognitivos e pragmático-contextuais a que a linguística estruturalista negava lugar na rede semântica e aos quais punha o rótulo de "conhecimento enciclopédico" ou "conhecimento do mundo".

Através dos valores semânticos dos marcadores espaciais *cá/lá/(acolá)*⁽¹⁾ e *aqui/aí/ali* pretende-se mostrar que uma análise como a que se defende explica muito mais satisfatoriamente os problemas ligados à configuração linguística (neste caso, do espaço) do que a visão clássica da análise componencial.

2. O longe e a distância

Para Pontes (1992) a oposição espacial entre *aqui/aí/ali/lá* é apenas uma questão de distância métrica. E vinca bem que este é o **único** traço:

Vê-se que *aí* opõe-se a *aqui* por um único traço: um indica próximo ao falante, o outro próximo ao ouvinte.

Já *ali* opõe-se a *aqui* por referir-se um a mais perto, outro a menos perto. É uma questão de gradação. Trata-se de um contínuum em que a relação de contigüidade é maior com *aqui* e menor com *ali*. Esta gradação se completa com *lá*. (Pontes 1992:13).

E a seguir apresenta quadros opositivos:

+	→	+
próximo		distante
aqui	ali	lá

(Pontes 1992:15).

O quadro abaixo tenta dar uma visão gráfica das relações semânticas que vigoram entre esses quatro advérbios. No eixo da distância, podemos também distinguir três graus, distância 1, 2 e 3, do mesmo modo que no de pessoa.

		Distância		
		1	2	3
Pessoa	1	aqui		
	2	aí		
	3		ali	lá

(Pontes 1992:16).

Assim, tudo direitinho, simetricamente oposto, só falta dizer a distância em metros. São quadros opositivos como estes que a Semântica Componencial tanto aprecia.

⁽¹⁾ Ao indicar-se o marcador *acolá* entre parêntesis, pretende-se referir que, embora costume ser englobado no mesmo grupo de *cá/lá*, tal marcador assenta em valores um pouco diversos dos outros dois que se constituem em oposição binária, como à frente mais detalhadamente se analisará. Esta análise retoma e amplia a feita em Teixeira, 2001:135-142.

A inexactidão desta análise quase que a leva à completa falsidade. O pré-conceito estruturalista de que as unidades se tendem a opor por um único traço opositivo não deixa Pontes ver que a distância é apenas um dos elementos que entra em todo o modelo e, por vezes, nem sequer o elemento mais importante, podendo mesmo ser "ignorado".

Em primeiro lugar, *lá* não pertence ao mesmo quadro opositivo de *aqui/aí/ali*. Pertencerá, antes, a um outro, constituído apenas por *cá/lá/(acolá)*. É evidente que os dois quadros se podem "misturar" numa situação de comunicação, embora a oposição *cá/lá* não se estruture em função das relações 1^a/2^a/3^a pessoa. Tal como *aqui*, *cá* pode referir-se apenas à situação da 1^a pessoa

- 1) Aqui, onde estou de férias, tem chovido muito.
- 2) Cá, onde estou de férias, tem chovido muito.

ou ao espaço conjunto do LOC(utor) e ALOC(utário):

- 3) Estou a falar contigo aqui, dentro do Café.
- 4) Estou a falar contigo cá dentro do Café.

Isto acontece já que os dois marcadores suportam uma espacialidade alargada que não se restringe obrigatoriamente a um ponto, podendo envolver o ALOC desde que inclua o LOC.

No entanto, *cá/aqui*, devido à oposição prototípica de [+/-espaço abarcado] que entre eles existe, não configuram da mesma forma o espaço do LOC. Imagine-se uma situação como a da figura 1, em que dois interlocutores conversam e um deles pede a um grupo para se aproximar:

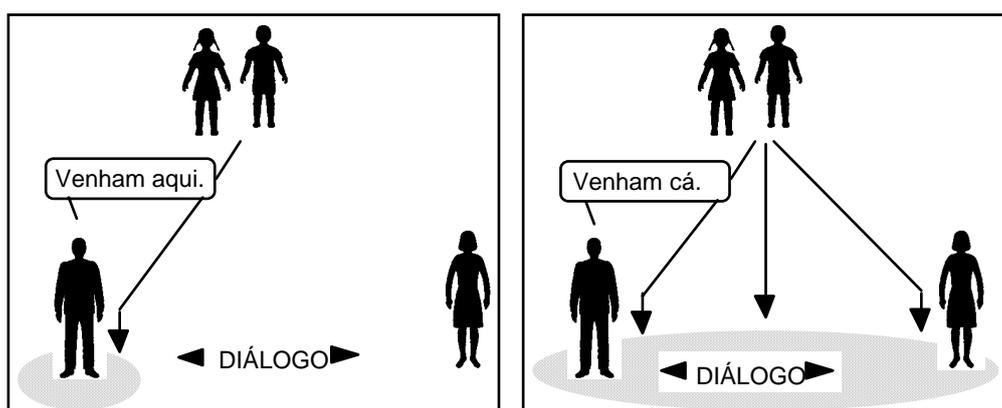


Figura 1

Como o sombreado representa, a zona do "aqui" é prototipicamente a zona que tem por centro o LOC. Na verdade, o "aqui" do LOC tem de ser interpretado como opondo-se ao "ali" do ALOC. Já o espaço do "cá" é uma zona mais abrangente e não obrigatoriamente a

do LOC . É, neste caso, essencialmente a zona em que decorre o diálogo, ou seja, o espaço em que se situam LOC e ALOC. O "cá" não deve, em princípio, ser entendido como o espaço do LOC por oposição ao do ALOC do diálogo, mas a zona do LOC-ALOC (a "zona do diálogo") por oposição ao espaço dos segundos ou posteriores alocutários.

Repare-se que *cá*, como espaço do LOC, nunca se pode opor a *lá* como **espaço situacional** do ALOC, mas a **aí**:

5) Nós já estamos **cá**, e tu ainda estás **aí**!

6) *Nós já estamos **cá**, e tu ainda estás **lá**!

Embora *lá* não possa representar o **espaço situacional** do ALOC, pode representar o seu **espaço habitual**:

7) **Lá** na China, onde tu **estás**, a comida é boa?

é uma frase que pode ser dita em Portugal; mas estando os dois em Portugal, não se pode formular com **aí**:

8) ***Aí** na China, onde tu **estás**, a comida é boa?

Por conseguinte, quer o grupo *cá/lá/(acolá)*, quer *aqui/aí/ali*, não se estruturam em função das três pessoas verbais, mas em função da situacionalidade de LOC e ALOC, o que não é a mesma coisa: as formas *ali/lá/acolá* não indicam o espaço da terceira pessoa, mas um espaço não pertencente quer ao LOC quer ao ALOC:

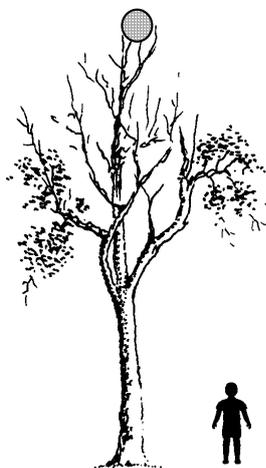
Espaço do LOC	<i>aqui</i>	<i>cá</i>
Espaço do ALOC	<i>aí</i>	
Espaço não pertencente ao LOC e ALOC	<i>ali</i>	<i>lá, acolá</i>

Por estas (entre outras) razões, é que a oposição *aí/lá* não pode figurar num único quadro, nem muito menos se estrutura em função de uma menor ou maior distância. Repare-se que ao telefone eu posso perfeitamente dizer:

9) Pela janela vejo a neve **lá** fora, mas sei que **aí** no Rio de Janeiro está muito calor.

Neste caso, a relação de distância é exactamente antagónica à apresentada por Pontes: o *lá*, que deveria corresponder a [+distância], corresponde a alguns metros e o *aí*, que deveria equivaler a [-distância] corresponde a muitos milhares de quilómetros.

Para se perceber que não é apenas, nem sobretudo, a distância, que estrutura o modelo destes configuradores espaciais, convém reparar em algumas situações. Veja-se, por exemplo, a representada na figura 2 que permitirá as frases:

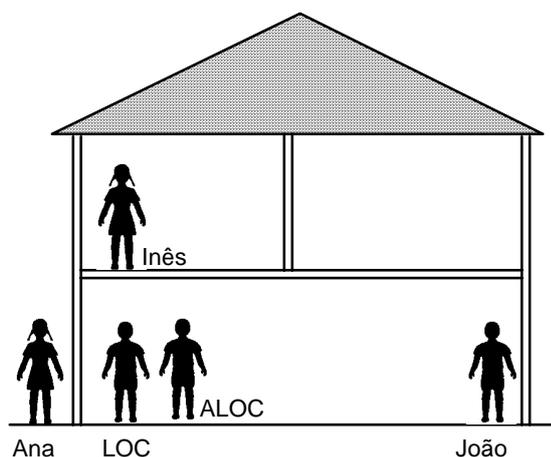


- 10) A bola ficou **lá** em cima.
- 11) A bola ficou **ali** em cima.

Figura 2

Como se adivinha facilmente, não será a **distância** a que a bola está que leva a usar-se muitas vezes *lá* de preferência a *ali*. Se estivesse no chão, mesmo que a bola se encontrasse a uma distância maior, era, com certeza preferido *ali* a *lá*.

Observemos uma outra situação (figura 3) onde se podem comparar facilmente as distâncias métricas relativas:



- 12) O João está **ali** junto à parede.
- 13) ?O João está **lá** junto à parede.
- 14) A Inês está **lá** em cima, no quarto.
- 15) ?A Inês está **ali** em cima, no quarto.
- 16) A Ana está **lá** fora.
- 17) ?A Ana está **ali** fora.

Figura 3

Como se vê, aqui uma menor distância (LOC-Ana, LOC-Inês) selecciona preferencialmente o uso de *lá*, ao passo que a distância maior (LOC-João) prefere o *ali*.

A "distância" exigida por *lá* pode ser mínima, apenas alguns centímetros:

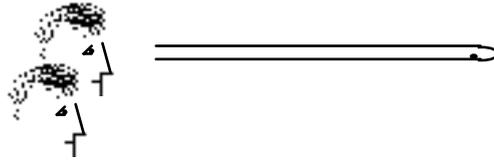


Figura 4

18) Vês a aranha? Está **lá** ao fundo do tubo.

19) Vês a aranha? Está **ali** ao fundo do tubo.

E mesmo quando estão envolvidas distâncias maiores, na mesma situação global, o *lá* pode representar um ponto mais perto do que o *ali*:

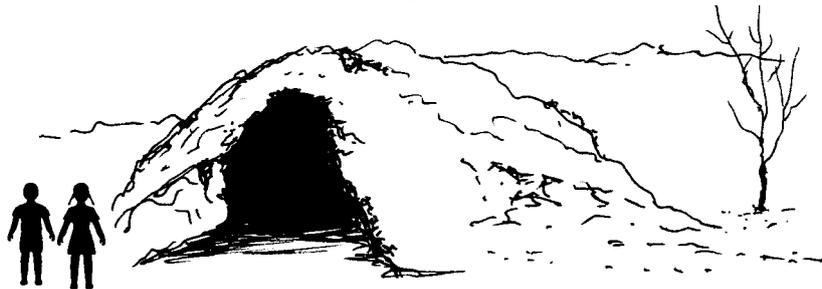


Figura 5

20) - O coelho está **lá** ao fundo da gruta.

21) - Vou **ali** àquela árvore buscar um pau para lhe atirar.

Como se observa, a distância a que é suposto estar o coelho é menor do que a distância a que fica a árvore. Assim, também nesta situação, *ali* corresponde a uma distância maior que *lá*. E os dois localizadores não podem, ou pelo menos não devem, ser neste caso trocados.

A partir de situações como estas, constata-se facilmente que a "distância" não é critério único para a oposição espacial de *aqui/aí/ali/lá* e que em exemplos como os ilustrados a oposição faz-se exactamente ao contrário da proposta por Pontes: a uma menor distância corresponde *lá* e a uma maior distância *ali*.

É, por conseguinte, evidente que o elemento configurador não pode ser prioritariamente a distância. Por outro lado, todos os falantes têm a intuição que a vertente distância também não pode ser arredada do modelo destes configuradores espaciais.

O problema fica resolvido se atendermos aos aspectos cognitivos das experiências humanas. Estas, constantemente, provam que a posse e o acesso das coisas são dificultados por vários factores, entre os quais **o mais frequente** é a distância. Mas esta é apenas uma das condicionantes da **acessibilidade**. Por isso mesmo, o que constitui o verdadeiro factor do qual depende este quadro de marcadores espaciais é a **distância em função da acessibilidade**.

E assim, retornando a todos os exemplos apresentados, vemos que o local mais acessível é traduzido por *ali* e o menos acessível por *lá*, ainda que, ao inverso do que acontece usualmente, a uma menor distância não corresponda maior acessibilidade.

3.Os modelos diferentes de *aqui* e *cá*

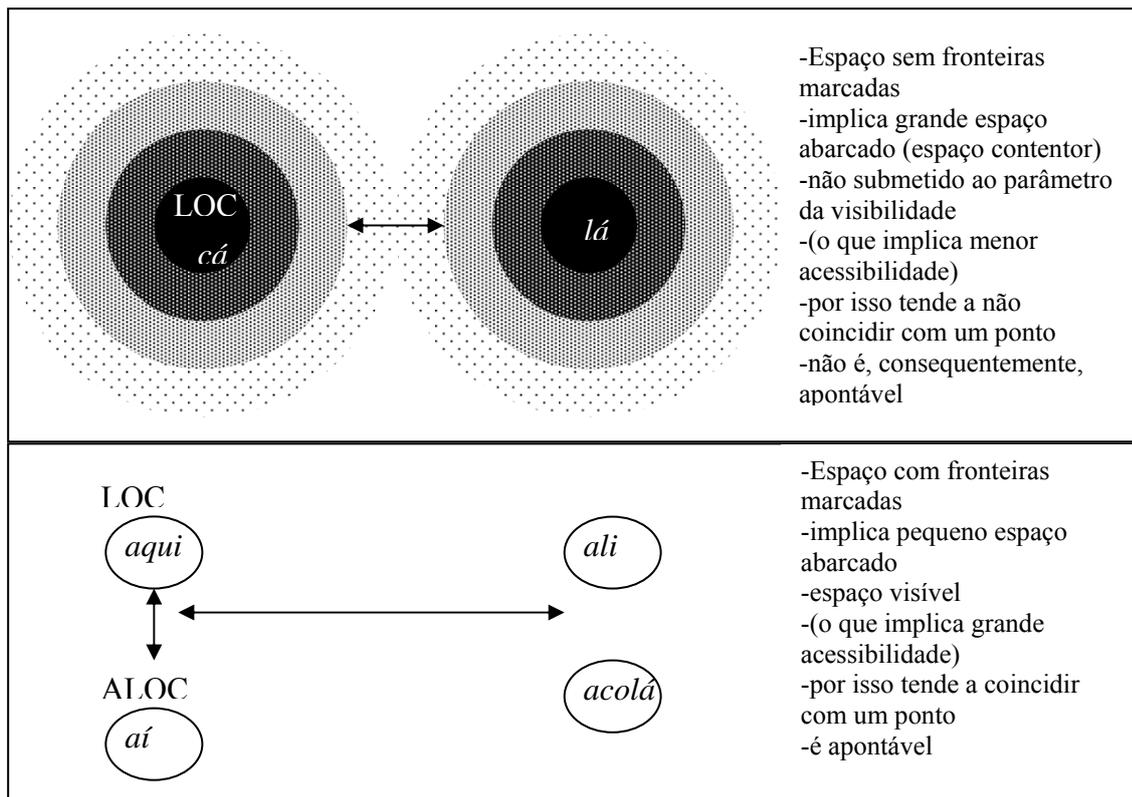
Embora seja a distância em função da acessibilidade que enforma genericamente estes dois grupos de marcadores espaciais, tal vertente não é (até para justificar a respectiva existência) conceptualizada da mesma forma pelos dois grupos.

A diferença fracturante entre os dois grupos (*cá/lá/(acolá)*, por um lado e *aqui/aí/ali*, por outro) reside no facto de *cá/lá* assentar prototipicamente na metáfora do contentor, ou seja, *cá/lá* pressupõem um espaço englobante, um espaço que contém um determinado sujeito que ocupa uma centralidade. Ao inverso, *aqui/aí/ali* indicam não espaços, mas lugares, sítios. Pode dizer-se que enquanto *cá* é um espaço sem fronteiras marcadas onde o LOC se insere, *aqui* designa um espaço demarcável próximo do locutor. Esta diferença fundacional acarreta divergentes possibilidades de referencialidade para os dois marcadores: o espaço de *aqui* porque demarcável, pode coincidir com um ponto, pode apontar-se; o de *cá*, não.

Porque o espaço de *cá* é não demarcado, não pode ser facilmente abarcado pelo LOC e por isso é um espaço não dominado pelos mecanismos perceptivos, principalmente pelo mais importante, a visão: é, por isso, um espaço não necessariamente visível na sua totalidade, ao contrário do espaço de *aqui*. Por isso mesmo, também menos acessível, o que explica, como se viu, a tão frequente equivalência/substituição entre [visibilidade] e [acessibilidade].

Outra diferença importante entre os dois grupos é o valor da relação posicional LOC-ALOC. Verdadeiramente, só *aqui/aí/ali* se estrutura em função desta relação, já que em *cá/lá* não se referencia a posição do ALOC. Curiosamente, em *acolá* referencia-se a situação espacial de [espaço não englobando LOC e ALOC], o que, juntamente com o traço de [+visibilidade] faz com que este marcador seja semanticamente equivalente a *ali*. Talvez não seja alheio a este facto o processo diacrónico de formação de *acolá*, tido como vindo de *eccu illac*, ou seja "*eis ali*".

Imagética e prototipicamente talvez se pudessem esquematizar os valores nucleares em que assentam estes dois grupos de marcadores da seguinte forma:



Figuras 6 e 7

Como se pode comprovar, os dois grupos de marcadores assentam em valências de espacialidade substancialmente diferentes. Repare-se, ainda, como *acolá* se insere muito mais facilmente no grupo *aqui/aí/ali* (sendo praticamente equivalente a *ali*) do que naquele com o qual partilha as semelhanças fônicas.

4. Valores centrais e valores periféricos

A descrição que acabou de ser feita não significa que estes marcadores possuem sempre a mesma valência espacial. Como todas as unidades linguísticas, juntamente com estes valores prototípicos, múltiplos usos mais periféricos, relativamente ao protótipo espacial, asseguram-lhes uma enorme plasticidade semântica. Por isso mesmo, em muitos usos, um marcador de um grupo pode ser substituído por um do outro quando o valor que está em causa não é o que os divide, mas o um valor partilhado. Assim, vimos que *ali* se opõe a *lá* na medida em que implica, por exemplo, [relação LOC-ALOC], [+visibilidade] e [espaço definido]. No entanto, se apenas estiver prioritariamente em causa a vertente [afastamento] e as outras puderem ser contextualizadas, estes marcadores tornam-se equivalentes:

22) Foi para Paris e lá viveu durante três anos.

23) Foi para Paris e ali viveu durante três anos.

Mesmo oposições aparentemente menos intermutáveis como *ai-lá* se podem neutralizar:

24) Foi para Paris e aí viveu durante três anos.

Há mesmo usos periféricos destes marcadores que são descritos como completamente desligados do núcleo espacial, apenas porque não se compreendem os princípios de implicação cognitiva que os originaram. Sirvam de exemplos os valores de *cá-lá* classificados de forma variada (palavras denotativas de realce⁽²⁾, partículas enfáticas) e dificilmente arrumáveis na morfologia gramatical clássica.

Como referimos, a distância é um dos factores da **acessibilidade** (melhor, da não-acessibilidade), vertente que também comporta a visualização ([+visível]→[+acessível]), ou a altura ([+alto] → [-acessível]).

É precisamente a preferência de [-acessibilidade] que *lá* engloba que originou usos aparentemente inexplicáveis, à luz de [+/-distância], como

25) Vocês sabem **lá** o que custa ser professor!

26) Sabes quantos carros passaram hoje por esta rua? R/-Sei **lá**!...

27) Preferes esse? Tu **lá** sabes...

28) Mas é **lá** possível emagrecer trinta quilos num mês!

29) O senhor sabe **lá** para quem está a falar...

30) Podes **lá** com 200 quilos!

Há dicionários que não registam esta acepção de *lá*⁽³⁾. Outros sinonimizam-na com um *pois*, sem mais nada⁽⁴⁾, ou com uma pequena explicação que pouco ou nada explica⁽⁵⁾. É também descrita como tendo valor enfático, de reforço ou afectivo⁽⁶⁾.

A presença de "afectividade" (pelo menos no sentido comum) é um pouco difícil de detectar, já que a partícula (se assim se lhe quiser chamar) marca um distanciamento entre

² Cunha e Cintra, 1984:548.

⁽³⁾ Moreno 1961; *Dicionário* Porto Editora, 7ª Ed.

⁽⁴⁾ Figueiredo 1996.

⁽⁵⁾ S/ Autor, 1996, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Sistema J: "Ora, pois. (Na linguagem familiar, é forma expletiva, concernente a pronomes da 1ª, 2ª ou 3ª pessoa: *sei lá isso; ouve lá; ele lá sabe.*)"

⁽⁶⁾ Vilela 1991: "quando *lá* tem valor enfático é uma PARTÍCULA (modalizadora) COM VALOR AFECTIVO". O Dicionário Aurélio (de Aurélio Ferreira) é o que mais desenvolvidamente valoriza e exemplifica este uso de *lá*: "6. Partícula de realce, reforço, que, anteposta ou posposta a um verbo, lhe imprime a idéia de começo imediato de ação: *Lá vou eu!*, ou que se usa, não raro com valor afectivo, após o pronome oblíquo referente à pessoa com quem se fala: *Conte-me lá como foi a festa; Diga-nos lá o que sabe do caso;* ou que, conforme a entonação que se lhe dê, assume, pelo menos aproximadamente, o valor de um advérbio de negação: *Sei lá!; Lá inventar potocas, isso ele não faz; Mas isso é lá possível; "Graciliano podia lá viver numa cidade assim!"* (Artur Azevedo, *Contos possíveis*, p.171); *"Tenho lá cara de general!"* (Fernando Sabino, *A Falta Que Ela Me Faz*, p. 52). *"—Eleição? ... cortou abruptamente o Jango. Lá quero saber disso!"* (Vieira Pires, *Querências*, p. 49). [Se o verbo antecedente ou seguinte ao *lá* estiver na 1ª pess., é preferível (mas p. us. no Brasil) o *cá*: *Sei cá!*"]

o LOC e o ALOC, podendo mesmo marcar a anti-afectividade de uma confrontação, como acontece em 35).

Por outro lado, o valor enfático também é dificilmente perceptível se nos lembrarmos que uma partícula enfática dá ênfase a uma frase que sem essa partícula enfática teria **o mesmo sentido**, embora sem ênfase.

Ora não é o que se passa com estas verbalizações de *lá*. Se a tirarmos das frases em que aparece, o sentido tende a ser exactamente o oposto. Portanto, *lá*, nesta acepção, não vem dar ênfase a um sentido existente, já que sem essa "partícula" tal sentido não existe. Aliás, *lá*, nestes casos, funciona como **advérbio de negação**:

31) Vocês sabem lá (=não sabem) o que custa ser professor!	31') Vocês sabem o que custa ser professor!
32) Sabes quantos carros passaram hoje por esta rua? R/-Sei lá !... (=não sei)	32') Sabes quantos carros passaram hoje por esta rua? R/-Sei !
33) Preferes esse? Tu lá sabes... (=não sabes)	33') Preferes esse? Tu sabes...
34) Mas é lá (=não é) possível emagrecer trinta quilos num mês!	34') Mas é possível emagrecer trinta quilos num mês!
35) O senhor sabe lá para quem está a falar...	35') O senhor sabe para quem está a falar...
36) Podes lá com 200 quilos!	36') Podes com 200 quilos!

Será que **este lá** é o mesmo *lá* locativo?

Não e sim: não, porque sincronicamente não possui nem a mesma distribuição, nem a mesma validade semântica; sim, porque é "originário" do *lá* locativo espacial, mantendo com ele relações de implicação cognitiva. Tais relações, certamente, não são hoje conscientes para as modelizações semânticas dos falantes, mas foram essas mesmas relações implicativas que originaram que este *lá* derivasse do *lá* espacial. Podemos dizer que a palavra é a mesma, tendo abstractizado nocionalmente a vertente locativa (que não desaparece totalmente) e acentuado a vertente da inacessibilidade ou impossibilidade do que se afirma.

Assim, *lá* {[-acessibilidade] ⇔ [-proximidade] ⇔ [-possibilidade]} injecta todos estes valores (ou apenas algum(ns) deles), no verbo com o qual se junta:

saber+lá=

saber+{[-acessibilidade] ⇔ [-proximidade] ⇔ [-possibilidade]}=

saber inacessível, longínquo, impossível=

não saber.

ser+lá possível=

ser+{[-acessibilidade] ⇔ [-proximidade] ⇔ [-possibilidade]} possível=

ser inacessível, longínquo, impossível possível=
ser impossível (ser) possível=
ser impossível.

poder+lá=
poder+{[-acessibilidade] ⇔ [-proximidade] ⇔ [-possibilidade]}=
poder inacessível, longínquo, impossível=
não poder.

Como já antes se disse e é um dado adquirido em qualquer análise semântica, nem sempre se actualizam todos os elementos semântico-cognitivos (traços, semas) que uma palavra comporta. Temos aqui, a este respeito, um caso tão curioso como interessante. Se o verbo *saber*, quando junto com *lá*, não quiser seleccionar os três traços apresentados, mas apenas os de {[-acessibilidade] ⇔ [-proximidade]} (ficando, por conseguinte de fora [-possibilidade]), pode fazê-lo, sendo evidente que o resultado final não será "não saber", mas (aproximadamente) "saber longínquo". Só que quando isso acontece, quando *lá* se junta a *saber*, não para indicar impossibilidade, mas "possibilidade não acessível ao LOC", então o verbo, para evitar confusões com *saber lá=não saber* "obriga" *lá* a passar para antes do verbo. Recorde-se

- 31) Vocês sabem **lá** o que custa ser professor!
32) Sabes quantos carros passaram hoje por esta rua? R/-Sei **lá**!...

compare-se com

- 33) Preferes esse? Tu **lá** sabes...

Temos assim uma selecção diferente feita pelo verbo:

lá+saber=
{[-acessibilidade] ⇔ [-proximidade]}+saber=
saber inacessível, longínquo (para o LOC)

Ou seja: *saber lá = não saber, desconhecer*, mas *lá saber= conhecer em segredo, conhecer apenas o próprio*.

A construção *lá+Verbo* possibilita que por analogia sintáctica apareça a construção *cá+Verbo*, mas, diversamente do que se passa com *lá*, apenas quando o sujeito é o LOC:

- 37) Eu cá sei o que quero fazer.
38) *Tu cá sabes o que queres fazer

O traço [espaço/domínio do LOC] presente no protótipo de *cá* acarreta os valores de [acção pertencente ao domínio do LOC] o que fornece à construção *cá*+Verbo o sentido de “acção cujo domínio pertence totalmente ao LOC”:

- 39) Eu cá sei por que digo isso!
- 40) Eu cá me responsabilizo por isso!
- 41) Eu cá me entendo com ele!
- 42) Eu cá me arranjo!

5. Conclusão

Penso ter explanado as razões que permitem concluir que as relações semânticas entre os marcadores em análise são bem mais complexas e linguisticamente produtivas do que a marcação da simples distância física relativamente ao LOC, como determinadas análises propõem. Vê-se, por outro lado que o grupo *aqui/aí/ali* se diferencia em muitos aspectos de *cá/lá*, sendo *acolá* mais situável dentro do primeiro mini-sistema referido do que deste último.

Por outro lado, verifica-se que uma análise semântica que se queira dar conta das verdadeiras oposições funcionais não pode cair no simplismo de pensar que é possível tirar da descrição linguística o conhecimento do mundo que uma comunidade falante partilha. É esse conhecimento do mundo, conjugado com a percepção que temos de nós mesmos enquanto actantes no processo cognitivo-referencial que as línguas suportam que, em última instância, molda o processo semântico das mesmas línguas.

Por último, fazer mais uma vez notar como os sentidos ligados à espacialidade são uma fonte incessante de posteriores valores nocionais. E ainda que sem querer cair numa qualquer versão mais dura das teorias localistas, acentuar como é fácil à língua, apoiada nos nossos mecanismos cognitivos, da noção de (muito) espaço passar à de (in)acessibilidade e desta à de (im)possibilidade de domínio. No fundo, é o mesmo que axiomáticamente o provérbio constata: "longe da vista, longe do coração".

Referências

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley, 1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Sá da Costa, Lisboa.

FIGUEIREDO, Cândido, 1996, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 25ª ed., Bertrand.

MORENO, Augusto, 1961, *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*, 7ª ed., Editora Educação Nacional, Porto.

(s/ Autor) 1996, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1ª ed., Lello-Editora Sistema J.

TEIXEIRA, José, 2001, *A Verbalização do Espaço: modelos mentais de frente/trás*, Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, Braga.

VILELA, Mário, 1991, *Dicionário do Português Básico*, 2ª ed., Asa, Porto.